



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA

AMANDA VASCONCELOS DIAS

A CRÍTICA SOCIAL AO MODELO FAMILIAR IMPOSTO PELA SOCIEDADE DO SÉCULO XIX USANDO COMO CONTEXTO SOCIAL A OBRA “A CARTOMANTE”, E UM POSSÍVEL PARALELO COM O MODELO FAMILIAR DO SÉCULO XXI.

ABAETETUBA

2017

AMANDA VASCONCELOS DIAS

**A CRÍTICA SOCIAL AO MODELO FAMILIAR IMPOSTO PELA
SOCIEDADE DO SÉCULO XIX USANDO COMO CONTEXTO SOCIAL A
OBRA “A CARTOMANTE”, E UM POSSÍVEL PARALELO COM O MODELO
FAMILIAR DO SÉCULO XXI.**

Monografia apresentada ao curso de Letras da
Universidade Federal do Pará- UFPA, campus
universitário de Abaetetuba, em cumprimento à
exigência para obtenção do título de licenciada em
Letras/Língua Portuguesa, sob orientação da
professora Dr^a. Maria Adelina R. de Farias.

ABAETETUBA

2017

AMANDA VASCONCELOS DIAS

**A CRÍTICA SOCIAL AO MODELO FAMILIAR IMPOSTO PELA
SOCIEDADE DO SÉCULO XIX USANDO COMO CONTEXTO SOCIAL A
OBRA “A CARTOMANTE”, E UM POSSÍVEL PARALELO COM O MODELO
FAMILIAR DO SÉCULO XXI**

Monografia aprovada como requisito para obtenção do grau de licenciada em
Letras na Universidade Federal do Pará- Campus Abaetetuba- UFPA

Aprovada em 03 de Abril de 2017

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª. Drª. Maria Adelina R. de Farias
Faculdade de Ciências da Linguagem
Orientadora

Prof. MsC. José Rinaldo V. Lobato
Faculdade de Ciências da Linguagem
Examinador Interno

Profª MsC. Márcia Pinheiro
Faculdade de Ciências da Linguagem
Programa de Formação de Professores
da Educação Básica (PARFOR) Letras-
Licenciatura em Língua Portuguesa

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre me apoiaram e incentivaram o meu crescimento profissional. E aos meus amigos que estiveram comigo em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Nenhuma batalha é vencida sozinha, no decorrer desta luta algumas pessoas estiveram ao meu lado e percorreram este caminho como verdadeiros soldados, estimulando que eu buscasse a minha vitória e conquistasse meu sonho. É difícil agradecer todas as pessoas que, de algum modo, nos momentos serenos e/ou apreensivos, fizeram ou fazem parte da minha vida, por isso agradeço à todos de coração.

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que me ouviu nos momentos difíceis, me confortou e me deu forças para chegar aonde eu estou.

Sou extremamente grata aos meus pais, Ana e Darivaldo, que, não só neste momento, mas em toda a minha vida, estiveram comigo, ao meu lado fornecendo apoio, compreensão e estímulo em todos os momentos. Mãe, pai, se eu pudesse voltar à vida em outro momento e tivesse a oportunidade de escolher meu pais, seriam vocês os escolhidos, pois tenho a certeza de que são os melhores pais do mundo. Tenho muito orgulho em ter vocês como meus pais.

Agradeço a minha família que sempre, de alguma forma, me fez sorrir e me deu forças quando a minha vontade era de sentar e chorar, sou grata as minhas tias pelas conversas e a minha prima Geisa, em especial, pelo companheirismo e força de sempre.

Agradeço aos meus amigos “de UFPA”, Alessandra, Lorena, Janiele, Rayanne, e Artur, que nunca me deixaram desistir e sempre estavam lá dando aquela força e estímulo. Vocês foram meus companheiros de trabalhos e irmãos na amizade, que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

Agradeço as minhas amigas Stefane, Erika, Juliana, Elane, Laís e Janaína que, de alguma forma, me ajudaram, umas com força moral e outras me ajudaram muito nos trabalhos acadêmicos.

Agradeço às pessoas que conversaram comigo sobre o tema e me ajudaram a estudar o assunto proposto, em especial agradeço ao meu grande amigo Diego e a minha querida prima Lídia. Vocês foram essenciais para o sucesso deste trabalho.

Agradeço a esta minha orientadora, Maria Adelina Farias, pela paciência, conversas e ensinamentos que possibilitaram que eu realizasse este trabalho.

“Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena
Acreditar no sonho que se tem”

Renato Russo

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo evidenciar o modelo familiar dos séculos XIX e XXI, fazendo uma comparação entre ambos, tendo como aporte teórico textos que problematizam o padrão familiar em ambos os momentos da história da família no Brasil, exemplificando tal especificidade no romance machadiano “A Cartomante”. Por meio deste trabalho, tentaremos responder a certos anseios que surgiram no decorrer da pesquisa, saber: Que conceito de família é o mais aceito nas sociedades de tais séculos? Que família é essa de que todos falamos, tratamos, pensamos, idolatramos, profanamos ou celebramos? Existe um “padrão” de família ou haveria vários tipos de família aceitáveis? É possível falar em família no singular? Para tentar abarcar essas questões, tentaremos abordar alguns aspectos da perspectiva antropológica sobre família e, no decorrer dos capítulos, fazer abordagens gerais sobre a família do século XIX e o modelo de família que temos atualmente.

PALAVRAS-CHAVE: Família. Modelo. Crítica Social. A Cartomante. Antropologia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Capítulo 1- O MODELO FAMILIAR NO SÉCULO XIX	13
1.1 Como a sociedade da época se portava diante da família	16
1.2 Adulterio no século XIX	17
1.3 O romance machadiano	18
Capítulo 2- RETRATO DE FAMÍLIA NO SÉCULO XXI	20
2.1 Mudanças significativas ao padrão que a sociedade impôs	20
2.2 A quebra do paradigma familiar	22
2.3. Família: A Visão da Antropologia	23
Capítulo 3- POSSÍVEL PARALELO ENTRE OS MODELOS CITADOS	25
3.1 Quais as semelhanças ou (des) semelhanças entre os modelos em questão	26
3.2 Influência da sociedade na família	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

No século XXI, o conceito de família é diferente do que é retratado no século em que a obra “a cartomante” foi escrita. Atualmente, a família não é necessariamente constituída de mãe, pai e filhos, visto que, na época em que vivemos, muitas coisas mudaram. Aos poucos, alguns paradigmas têm sido quebrados e o modelo familiar não é necessariamente o que a sociedade julga ser o correto.

Na obra “a cartomante”, como é retratado o modelo familiar? E como poderíamos trabalhar as semelhanças e as diferenças do modelo familiar do século XXI? Através desta pesquisa, faremos uma leitura crítica da obra supracitada e compreenderemos qual o modelo familiar retratado nela, assim como o que mudou e o que não mudou no que tange ao modelo familiar do século XIX e do século XXI.

Sabemos que a literatura é de grande importância para a sociedade, pois ela aborda não só o caráter literário da obra, mas também aborda o período histórico em que está inserida. É de suma importância sabermos em qual período histórico cada obra foi escrita, para que, assim, possamos ter uma melhor compreensão da história de cada personagem narrada pelos autores.

A obra “A cartomante” de Machado de Assis foi escrita no século XIX. Nesta época, o modelo familiar era conservador (homem + mulher e possíveis filhos). Machado, ao abordar em sua obra realista este modelo familiar, nos propõe uma ruptura desse padrão que a sociedade nos impunha.

O tema abordado aqui foi pouco utilizado como objeto de estudo. Existem alguns trabalhos que abordam o adultério presente na obra Machadiana, mas é uma nova perspectiva esta de se tratar da crítica social ao modelo familiar nesta obra de Machado e, por esses e outros motivos, faz-se necessário estudar e analisar, por essa vertente, a obra. Além de analisar de forma minuciosa a obra acima citada, faremos, neste trabalho, um possível paralelo desse modelo familiar descrito na obra com o(s) modelo(s) de que dispomos atualmente.

O que será abordado neste trabalho será uma análise crítica acerca do modelo familiar, posteriormente, será feita uma possível comutação desses dois modelos, que serão estudados e comparados.

Portanto, temos que depreender que, quanto mais o tempo passa, mais essa ideia de que temos um padrão familiar a seguir tem se tornado trivial, pois, com o passar dos anos, muitas barreiras têm sido postas a baixo. Fazer um estudo crítico sobre este assunto é de grande importância para que a sociedade possa entender que impor um modelo familiar a ser seguido é, de certa forma, uma espécie de limitação e de prisão às pessoas que não concordam com esse padrão esdrúxulo que lhes é imposto.

Este trabalho tem como objetivo fazer um possível paralelo do modelo familiar do século XIX com o modelo familiar do século XXI, tendo em vista mostrar que, no século XIX, o modelo familiar estava diretamente ligado ao modelo que a sociedade julgava ser o correto. Assim, analisar de forma crítica o casamento dos personagens na obra “A cartomante” e explicar qual o modelo familiar que temos no século XXI faz-se fundamental nessa discussão. Isso será feito a partir de leituras contextualizadas para a análise crítica de cada século que será estudado.

Antônio Candido (2006) em sua obra **“Literatura de Dois Gumes”**, que, em âmbito geral, traça uma espécie de genealogia da literatura no Brasil, como ela surgiu e quais as decorrências disso para a formação da nacionalidade brasileira. Cândido propõe uma leitura contextualizada das obras, ou seja, veremos a obra levando em conta os aspectos históricos que motivaram sua escrita, como a sociedade desta determinada época se portava, etc.

Partindo desse pressuposto, analisaremos a obra buscando em suas personagens uma forma de refletirmos sobre a sociedade e analisarmos de forma mais específica o modelo familiar no conto de Machado. No que tange às relações estabelecidas entre literatura e sociedade, Candido argumenta sobre a influência que a sociedade exerce sobre as camadas sociais.

Nas sociedades estratificadas e de estrutura mais complexa, podemos notar a influência das camadas sociais sobre a distribuição e o caráter dos grupos de artistas e intelectuais, que tendem a diferenciar-se funcionalmente conforme o tipo de hierarquia social. Em um estudo famoso, Max Weber descreve como se formou a elite intelectual da China, sob a pressão de injunções administrativas, dando lugar ao mandarinato, recrutado pelo saber mediante um complicado e árduo critério de provas. Peritos na caligrafia — que na China é realmente uma arte — os mandarins se exprimiam por verdadeiro estilo de casta. Este estilo constituiu um fator de diferenciação grupai, como requintado instrumento acessível a poucos. (Candido, 2006, p. 15)

A posição social é um aspecto da estrutura da sociedade. No nosso caso, importa averiguar como esta atribui um papel específico aos modelos de família que irão ser analisados de forma crítica. Daí sermos levados a entender não só o modelo familiar na obra de Machado, deveremos também entender o contexto histórico em que a obra está inserida. Quanto ao modelo familiar do século XXI, deveremos entender como se deu essa quebra do padrão que se apresentavam nas sociedades estratificadas.

A metodologia utilizada neste trabalho é de cunho bibliográfico, pois foram feitos levantamentos, seleções e fichamentos de informações relacionadas à pesquisa. Também selecionou-se de forma minuciosa artigos que retratam a crítica social e artigos que tratam sobre o realismo brasileiro, escola literária em que a obra machadiana está inserida. A partir disso, leituras críticas foram efetivadas para implementar uma comutação dos modelos familiar em questão.

A obra de Machado de Assis foi utilizada como um dos contextos sociais para que pudéssemos revelar como era o modelo familiar no século XIX e como esse padrão influenciava na vida das pessoas. Ainda como os personagens da obra machadiana, Rita e Vilela, se portavam diante deste padrão imposto pela sociedade em que estavam inseridos.

E, por fim, discorreremos sobre o modelo familiar do século XXI, e como a sociedade encara o modelo de família atualmente. Observamos se realmente há um padrão a ser seguido e se devemos mesmo ter um modelo familiar, pois bem sabemos que do século XIX até chegarmos ao século XXI, muitos paradigmas foram quebrados e muitas barreiras foram rompidas.

Portanto, através da teoria dos autores e a partir de leituras críticas e minuciosas de artigos e da obra “a cartomante”, essas questões serão problematizadas. A partir das respostas encontradas, fizemos a correlação dos modelos familiares em questão.

Capítulo 1

O MODELO FAMILIAR NO SÉCULO XIX

Originalmente, as famílias organizavam-se sob a forma matriarcal, decorrência da vida nômade dos povos primitivos. Nessa época, os homens ainda desconheciam as técnicas do cultivo da terra, e precisavam sair em busca de alimento. As mulheres permaneciam com a prole, que crescia praticamente sob a influência exclusiva da genitora. Essa situação genuinamente prepondera a figura materna e, em certas sociedades matriarcais, essas mulheres possuíam o direito de propriedade e certos privilégios políticos.

Da divisão das obrigações, oriunda do desenvolvimento da agricultura, teria originado a família patriarcal, criada sob a autoridade absoluta do patriarca ou “chefe da família” que, na maioria das vezes, vivia em um regime poligâmico, tendo as mulheres isoladas em determinados locais chamados de gineceus e haréns. A família monogâmica, modelo da civilização do Ocidente, cujas origens encontram-se ligadas à ideia de posse ao longo do processo civilizatório, tinha como condição exigida para o reconhecimento dos filhos e transmissão hereditária da propriedade, a fidelidade. Esse modelo de família é predominante no mundo ocidental até os dias atuais.

A origem etimológica da palavra família, que deriva do vocábulo latino *famulus*-que significa *escravo doméstico*, o que pressupõe, primitivamente, se considerava a família como sendo o conjunto de escravos ou servos de uma mesma pessoa. Isso nos remete à compreensão da natureza possessiva das relações familiares entre os povos primitivos. Nessa relação, a mulher obedecia ao seu companheiro como se fosse seu proprietário e dono. Os filhos pertenciam a seus pais, a quem deviam suas vidas e, por conseguinte, esses se julgavam com total direito sobre elas. O sentido de posse e de poder estava perceptivelmente ligado à origem e evolução do grupo familiar.

Possivelmente as raízes da palavra família expliquem porque até hoje existam filhos e esposas submissos ao chefe de família, sem opinar ou questionar sobre os problemas dentro do seio familiar. As famílias, até então, não tiveram necessariamente a reprodução cotidiana ou geracional como função específica ou exclusiva, e, em muitos momentos, desempenharam simultânea e prioritariamente, funções políticas e econômicas.

Pelo exposto, podemos inferir que a família antiga era concebida como instituição fundada na e para a reprodução cotidiana e geracional dos seres humanos. Sua maior missão recaía na conservação dos bens, na prática comum do ofício. A ajuda mútua era essencial para a sobrevivência em um mundo em que seres humanos isolados não sobreviveriam. A função afetiva não pode ser identificada como algo fundamental à família nessa época, já que as trocas afetivas e contatos sociais aconteciam entre as pessoas mais próximas, não necessariamente membros familiares. Assim, a instituição família consolidou-se na antiga aristocracia, não propriamente por laços afetivos, mas visando à questão econômica, ou seja, além do vínculo consanguíneo, a maior preocupação era assegurar que o poder aquisitivo não saísse das mãos de seus membros.

Em meados do século XIX, a família burguesa, nuclear por definição, habitava as áreas urbanas. Sabe-se que, de 1750 até o presente momento histórico, o padrão demográfico da família burguesa evoluiu gradualmente para um padrão de baixa fertilidade e baixa mortalidade. O planejamento familiar inicia-se nesse grupo. No dia a dia, as relações entre os componentes da família burguesa assumiram um modelo característico de intensidade emocional e de privacidade. O casamento trouxe para esse grupo o conflito que oscila entre as necessidades da preservação da acumulação de capital e o valor de escolha individual. A sexualidade entre os componentes dessa classe é uma das características mais surpreendente da história moderna. A burguesia se esforçou para adiar a satisfação sexual como em nenhuma outra classe. As mulheres burguesas eram consideradas seres assexuais, angelicais, acima da luxúria animal.

Para os homens dessa classe, o sexo estava dissociado dos sentimentos de ternura e era realizado como conquista de mulheres de classe inferior. A prostituição era requerida pelos homens burgueses porque a plena realização sexual tornou-se impossível para os cônjuges. A burguesia definiu-se moralmente, em contraste com o proletário promíscuo e a nobreza sensual, como uma classe dotada de virtuosa renúncia. O excesso desse comportamento “virtuoso” levou a burguesia à divisão entre o casamento e o amor, de um lado, e sexualidade de outro.

O casamento burguês torna-se perene. Interesses sociais e financeiros predominavam nessas alianças. Entretanto, o jovem burguês era impulsionado por um amor romântico. Ao findar o século XIX, o amor romântico passava a ser a razão

central do casamento, porém, o mais estranho é que na classe média, o amor romântico raramente sobrevivia aos primeiros anos, e a expressão “felizes para sempre” traduzia o viver juntos não com paixão, mas com respeitabilidade.

Na família burguesa, as relações eram consolidadas mediante rigorosas divisões de papéis sexuais. O marido era chefe dominante e provia seu sustento da família. A esposa era considerada ser não pensante e menos capaz, zelava apenas do lar, em alguns casos, com a ajuda de criadas. O principal interesse da esposa centrava-se nos filhos. Estes reavaliados pela burguesia tornando-se seres significativos para os pais. Uma relação mais íntima, profunda e emocional se estabeleceu entre pais e filhos dessa classe. O sentimento de amor materno foi considerado natural nas mulheres, que não tinham somente o dever de zelar pela prole, mas também a missão de orientá-la para um lugar respeitável na sociedade, além da atribuição de cuidar do lar e do marido.

As relações internas das famílias burguesas eram preservadas pela sociedade. A família torna-se um santuário em cujo ambiente sagrado nenhum estranho tinha direito de adentrar. Sendo assim, até mesmo o local de trabalho dos homens da época não poderia ser próximo à residência, pois o lar não era um lugar de trabalho e sim de lazer, enquanto o ambiente de trabalho era destinado a ação. Torna-se assim, ambiente competitivo, hostil em contraposição ao ambiente de refúgio, aconchego, ternura e amor.

A classe trabalhadora surge entre o campesinato deslocado e os níveis mais baixos da sociedade urbana. E desenvolve uma estrutura de família sob condições de agonia social e econômica. Entretanto, no decorrer do tempo, a família da classe trabalhadora passou a se parecer muito com a família burguesa. A alta fertilidade, a alta mortalidade e a baixa expectativa de vida marcaram essa classe no período inicial da industrialização. Os salários eram baixos, crianças também precisavam trabalhar para ajudar no sustento da família. As condições de vida eram ruins, as horas trabalhadas giravam em torno de 14 a 17 horas diárias. Os filhos a partir dos 13 e 14 anos saíam de casa em busca de trabalho.

Na família da classe trabalhadora, os filhos eram criados de maneira informal, mais antiga, sem a constante atenção e fiscalização da mãe. As crianças eram

forçosamente amamentadas ao peito por mãe subalimentadas, cansadas e preocupadas. Nesse período, os cuidados com a higiene e controle genital eram negligenciados. Assim, os filhos do proletariado eram muito mais criados pela rua do que pela família. O padrão de autoridade imposto à criança da classe trabalhadora era semelhante à da classe dos camponeses, sem, contudo, ser fechada dentro de uma aldeia, mas jogada no mundo capitalista industrial. Entende-se que a maior influência sobre as condições de vida da classe trabalhadora, tenha sido os movimentos sindicalistas que, coletivamente, lutaram pela melhoria de vida dos operários da época.

Nesse período também, os operários do sexo masculino estavam predispostos a formar pequenos grupos que oscilavam entre trabalho e bar. As mulheres, por sua vez, passaram a formar comunidades nas residências. Dessa forma, a família passava por novas transformações de organização e atribuição.

1.1 Como a sociedade da época se portava diante da família

O padrão da família brasileira da primeira metade do século XIX até a primeira metade do século XX era constituída por um pai, mãe e filhos. Os integrantes da família brasileira deste período eram comandados por um pai e esposo contido no choro e na demonstração de sentimentos, eram duros e jamais demonstravam fragilidade, nem receios. Antes o homem era formado para ser mais racional, e menos emocional o que dificultava o relacionamento afetivo. Este ensinamento sobre a firmeza masculina para dirigir o lar era ensinado de pai para filho, sempre reafirmando os ideais de filhas casando-se cedo para seguir os passos da mãe, uma mulher frágil, submissa, contida e respeitável.

Os casamentos celebrados durante o século XIX eram uma opção da elite branca que tentava manter o prestígio e a estabilidade social limitando os casamentos a mitos quanto à cor, honra, riquezas e religião, mas este quadro não era tão rigoroso quando se tratavam da classe baixa da população. Muitas vezes, os casamentos eram arranjados, mas a legalização da união para a formação de uma nova família dependia do consentimento paterno, cuja autoridade era legítima e incontestável, era de sua competência decidir e até determinar o futuro dos filhos sem lhes consultar as preferências, sendo que em alguns casos os noivos jamais haviam se visto, comunicado

ou tocado. Os filhos que se rebelavam e não aceitavam a dominação paterna eram sempre castigados, deserdados e até expulsos de casa.

Devido às poucas opções de escolha, restava à mulher o casamento em que a mesma representava a proteção na família e tinha a obrigação de ensinar a decência e educar os filhos. Ao marido, era de competência zelar pela segurança e conforto material da família, sendo isto válido para todas as classes sociais. O amor, a estima, a dedicação e gratidão era relevantes nos casamentos principalmente dos mais pobres, o que ocasionava muitas vezes em maus tratos contra a mulher e os filhos.

A única preocupação do pai era em alimentar e quando estes eram de classes mais abastadas fornecer um bom estudo aos filhos homens, às mulheres apenas lhes eram ensinados as atividades domésticas, uma língua estrangeira e como uma dama deveria se comportar e vestir-se, sempre de maneira austera e honrosa. Todo o século XIX foi marcado pela repressão do pai ao resto da família que não desfrutava do direito de opinar em situação alguma sobre o próprio futuro ou expor sua opinião sobre seus gostos, desejos e anseios.

1.2 Adultério no século XIX

Durante a história da humanidade, a mulher sempre foi subjugada e vista de uma forma subordinada, era comumente tratada como um objeto nas mãos do homem que era quem coordenava seus movimentos. Como não poderia ser diferente, durante a história essa visão foi se modificando e alguns aspectos foram se transformando e garantindo pouco a pouco a liberdade da mulher.

O adultério no século XIX tinha diferentes pesos para homens e mulheres. Em Portugal por exemplo, no século XIX, se homem fosse casado e a mulher com quem ele manteve relações fosse solteira, não haveria punições para esse ato mas, se a mulher fosse casada e o homem com quem ela manteve relações não soubesse de sua condição, ambos sofreriam pena de desterro temporário, pois a mulher casada é propriedade de alguém, em contrapartida o homem solteiro só seria punido se fosse pego em flagrante ou se tivessem documentos escritos por ele comprovando essa situação de adúltero. Deste modo o adultério cometido por homens casados não consentiam no código penal, sendo assim, eram aceitos socialmente.

No caso de o homem matar a esposa e o adúltero, será exilado por seis meses mas, caso não haja morte, não sofrerá nada. Após o casamento, o homem tem poder de vida sobre a mulher pois, pode ele praticar adultério e não será punido, já a mulher se cometer o adultério, mesmo que não haja provas, pode ser morta pelo marido que sofrerá uma pena mínima.

O casamento então seria composto de duas partes desiguais em que o homem tem a força de silenciar e fazer com que a mulher seja totalmente submissa a ele. Os deveres do homem para com a mulher são muito mais leves do que o oposto. Este tipo de julgamento penal abria as portas para a violência física e também para os crimes em nome da honra.

1.3 O romance machadiano

Percebe-se no conto “*A cartomante*” que Machado faz uma crítica ao modelo familiar imposto pela sociedade do século XIX, e no decorrer do conto ele faz insinuações que vão da maldade à malícia, da sinceridade a hipocrisia presente no ser humano. O autor faz uma crítica humorada e irônica das situações humanas, das relações entre os personagens e seus padrões de comportamento. Nessa obra, Machado retrata o adultério para desmascarar a família que era moralista diante da sociedade do período.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura, mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. (Assis, 1994, p. 03)

O conto de Machado narra a história do casal Rita e Vilela, que vivem de acordo com os moldes da sociedade da época, porém em um certo momento da história aparece Camilo que acaba por protagonizar um triângulo amoroso com o casal. E neste momento Machado de Assis propõe a ruptura do padrão do século em que a obra está inserida. E o desenlace da história é trágico, pois Vilela mata Rita e Camilo quando descobre o adultério de sua esposa. E um aspecto que vale ressaltar é que no século XIX

a mulher que fosse flagrada em adultério poderia ser morta pelo marido e isso não era considerado crime.

O autor utiliza uma linguagem sóbria que, entretanto, não despreza os detalhes necessários a uma análise profunda da psicologia humana. Assis também, aborda, neste conto, o adultério, a traição, a busca astrológica e a paixão proibida, de forma literal como cada uma é entendida pelas análises objetivas, ou seja, o que há em “*A Cartomante*” como em tantas outras obras, é na verdade, uma ruptura aos padrões romanescos, nos quais a mulher e o homem sofriam de amor e/ou eram reprimidos por seus medos. Portanto, o conto Machadiano é uma crítica dotada de humor e sarcasmo diante das situações humanas, as relações entre os personagens e seus padrões de comportamento. É uma obra aparentemente simples, porém, ela exige a necessidade de uma compreensão minuciosa atrelada a uma leitura contextualizada.

Capítulo 2

RETRATO DE FAMÍLIA NO SÉCULO XXI

Com a Revolução industrial e com a revolução feminista, o posicionamento das mulheres mudou radicalmente em menos de meio século, e mesmo que com passos incertos e vacilantes provocou uma reorganização da sociedade e levou aos homens a necessidade de repensar seu papel. A exemplo das mulheres estrangeiras, que com a segunda guerra mundial foram obrigadas a saírem de casa e trabalhar em fábricas, pois com os homens na guerra em frente de batalha, as mulheres tomaram conta da produção industrial de armamentos, munições, roupas e alimentos, influenciando assim a mulher brasileira que sofreu os impactos da guerra também aqui no Brasil.

Essa mudança radical afetou o comportamento da mulher na família e o homem por sua vez foi presenteado com espaços afetivos mais amplos. A partir de meados do século XX foi permitido ao homem desfrutar de uma relação conjugal e de pai harmoniosa e permissiva. A vida econômica passou a ser compartilhada e o ambiente organizacional suavizou-se. O homem perdeu o domínio absoluto sobre a chefia da família e todo o autoritarismo decorrente disso.

2.1 Mudanças significativas ao padrão que a sociedade impôs

Várias foram as mudanças no quadro familiar que antes era nuclear, constituída de um pai, uma mãe e filhos. Assim, formada por novos casais, com enteados, com filhos de seus casamentos desfeitos, com os avós, os primos e tios surgiu a família denominada mosaico. Esta é uma família numerosa com muitos componentes. No Brasil do século XXI, pelo individualismo dos que compõe as famílias, pensando cada dia mais em se promover profissionalmente do que em constituir uma família ou mantê-la, é cada vez maior o número de divórcios, que, há menos de três décadas, não eram tão comuns, afinal o divórcio era desonroso para a mulher e era tradição que um casamento era para o resto da vida. Mas, as lições que as novas gerações estão aprendendo são outras. Mudou-se os parâmetros, a cultura e a liberdade de expressão decorrente de todo o processo histórico.

Atualmente, o brasileiro gay luta por igualdade em sua relação homoafetiva, quer casar-se e adotar filhos junto ao seu/sua companheir@. A mudança iniciou-se na

Holanda, o único país a dar pleno direito de adoção para casais do mesmo sexo. Este é outro tema espinhoso, pois, segundo educadores holandeses, os gays podem educar crianças aparentemente, sem traumas. Todos os estudos no país indicam que paternidade e adoção gay não causam problemas às crianças.

Mas o que é bom para a Holanda e para outros países que também adotaram essas mudanças, não é necessariamente bom para o Brasil. Nossas diferenças culturais dificultam a afirmação com plena certeza que os resultados obtidos lá seriam iguais aqui. É preciso também ter em mente que a aparente ausência de problemas não representa a certeza de que crianças criadas por gays sejam idênticas às criadas por heterossexuais, como já sabemos, as crianças tendem a perder referências e toda influência externa tem consequências sobre os hábitos sexuais de qualquer indivíduo. Vale ainda ressaltar que crianças não compreendem todo o universo de aceitação do próximo com suas diferenças ou deficiências.

Em um país como o Brasil, onde a família ainda é nuclear para uma criança com pais homoafetivos, acredita-se que a situação possa talvez, causar-lhe mal-estar e todo tipo de constrangimento na escola ou em um grupo de amigos em que a maioria absoluta ainda possui pai e mãe heteroafetivo. Mesmo com tanta mudança o papel da mulher foi subvertido e ela deixou de cuidar dos filhos em casa para trabalhar fora, muita coisa mudou e a mulher, cada vez mais incentivada a migrar no mercado de trabalho, seja por pressões econômicas como também sociais, cresce em poder aquisitivo, em poder de compra e em independência, o que a leva a chefiar as próprias famílias, valendo ressaltar que 80% dos divórcios são iniciados por desejo das mulheres e toda mudança que a família sofre e presencia a partir daí tem raízes nestas mudanças.

O homoafetividade insere-se aí como um elemento exógeno, quase como um marco divisor entre os opostos, uma espécie de conciliação de tendências, ou também uma espécie de convite alternativo às frustrações amorosas entre homem e mulher. É uma questão de opinião, sobre o que tivemos de e perdas e ganhos, mas prever essas alterações antes de elas acontecerem é praticamente impossível, já que tais mudanças, públicas e expostas ao mundo, no núcleo familiar ocorre a pouco mais de uma década e ninguém ainda pode afirmar qual será no futuro as preferências de cada ser que compõe a mesma.

Apesar da dificuldade, algumas hipóteses podem ser formuladas para os efeitos da adoção gay, sendo que a ausência de um referencial do sexo ausente também não aparenta ser problema e filhos de pais separados ou solteiros não serão necessariamente contra o casamento, como também crianças educadas por gays não necessariamente serão gays no futuro.

2.2 A quebra do paradigma familiar

Em todas as culturas, a constituição de uma família foi vista como uma realidade importante, não só no plano individual, mas também no plano social. Daqui deriva uma presença constante de certas experiências antes que nasça a nova família (BELTRÃO, 1989).

Historicamente, a família é um produto da sociedade; portanto, está estreitamente ligada à sua mudança. Assim, como esta se tem produzido através de um processo histórico, como fenômeno complexo, apresenta fases diferentes nos seus aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais. A família tem vindo, assim, a ser influenciada, mudando simultânea e contemporaneamente a sua estrutura e dinâmica interna e externa.

Por outro lado, vemos que se encontra na sociedade uma pluralidade de tipos ou modelos gerais de família que a representam e a descrevem no seu conjunto, em épocas históricas diferentes. Estes modelos vão evoluindo e sofrendo alterações que se explicam com um tipo próprio de sociedade pertencente a uma determinada época histórica. Mas, ao mesmo tempo não faltam outras tendências e manifestações concretas que contribuem para tornar cada vez mais complexa a realidade da família (ALMEIDA *et al.*, 1998).

Hoje em dia, não há como adotar modelos pré-concebidos na formação familiar. As relações estão sendo "reinventadas" a partir de exemplos mostrados a todo instante pela mídia e pela própria sociedade, na busca pela felicidade no seio familiar. A mídia vende as ideias de felicidade, que são adaptadas pelas pessoas e casais. Ou seja, passa pela constituição de cada sujeito, que tem as suas fórmulas e maneiras de colocá-las em prática. E assim, vão operando as mudanças constantes e novas combinações.

Apesar da cristalização de algumas ideias, a sociedade já percebeu que o modelo tradicional familiar, aquele da união do pai, da mãe com os filhos, não garantem uma

constituição psíquica boa. Tanto que temos muitos casais se separando e em conflitos que refletem na educação dos filhos. É possível observar que as funções materna e paterna também não seguem mais a um padrão rígido, podendo ser exercidas independentes do sexo biológico. Numa família homoafetiva, por exemplo, o casal pode definir quem vai assumir cada papel no relacionamento e perante os filhos, porque o mais importante é alguém estar presente assumindo as obrigações de uma mãe e de um pai.

2.3. Família: A Visão da Antropologia

É justamente uma atenção para a prática da vida social que tem caracterizado a antropologia enquanto uma disciplina. A antropologia nasceu no berço do humanismo iluminista do século XIX e tem se caracterizado pelo objetivo de refletir a respeito de diferentes modos de vida, de práticas sociais e de concepção de mundo.

Fazemos isso através do método etnográfico, que brevemente pode ser descrito como a produção de conhecimento sobre as culturas humanas e a vida social através da descrição e interpretação de práticas, valores e saberes de populações situadas local e temporalmente.

Diferentemente da maior parte das ciências, a antropologia não parte da experiência ocidental como o centro e a norma, mas busca entender cada contexto estudado dentro de um mais amplo escopo de experiências e formações sociais da história humana (SPENCER e BARNARD, 2002). Especificamente na questão da família, a antropologia – como um saber comparativo e contextualizador – visa contribuir no debate através da problematização de sua diversidade, estudando suas práticas, valores e sentidos em contextos determinados, sem perder de vista que a família é também uma categoria histórica, socialmente articulada e envolvida em lutas por definição de seus significados legítimos.

A antropologia é um campo heterogêneo de produções diversas. Uma das análises antropológicas mais famosas sobre família brasileira, por exemplo, foi feita na década de 1930 e é um exemplo de como a análise acadêmica pode ampliar um modelo de família “ideal” e hegemônico, tendo efeitos contundentes de mascaramento de outras formas de família e das relações de poder que asseguravam o próprio modelo dominante.

A obra conhecida de Gilberto Freyre (1978), *Casa Grande e Senzala*, inseriu-se historicamente num contexto de produções sobre a sociedade brasileira tornando a mestiçagem positiva, caracteristicamente nacional e sinônimo de uma sociedade igualitária. Daí popularidade da obra de Freyre e sua apropriação como elemento ideológico importante da construção da nação brasileira, na qual a família era tomada como o elemento operador da constituição de alianças e, portanto, a expressão concreta de uma sociedade igualitária.

Na concepção de Freyre (1978), a miscigenação praticada no Brasil, decorrente da escassez de mulheres, corrigiu a distância social entre a “casa grande” e a “senzala”, democratizando o país. Segundo o autor, as casas grandes eram pontos de apoio para a organização nacional e coesão social e baseavam-se num modelo patriarcal de família. Havia uma centralidade da família na constituição do país: segundo Freyre, a família – e não o indivíduo, o Estado ou alguma companhia de comércio – eram o grande fator colonizador no Brasil, na medida em que as alianças entre portugueses e brasileiras aumentaram o contingente de pessoas no Brasil com vínculos em Portugal. A família era a unidade produtiva, o capital, a força social que se desdobrava na política, a ponto do autor expressar-se: “Sobre ela o rei de Portugal quase que reina sem governar” (FREYRE, 1978, p. 19).

Capítulo 3

POSSÍVEL PARALELO ENTRE OS MODELOS CITADOS

Atualmente, a família encontra-se numa situação em que, normalmente, a antiga tradição, orientação e estrutura não desaparecem de todo, mas também as novas dinâmicas não estão totalmente presentes, claras e efetivamente influentes. Continua uma situação flutuante na influência entre mudança social e familiar. Por vezes, parece ser a mudança social a predominar e a modificar a família. Outras vezes, parece o contrário, ou seja, a família que determina, guia e orienta a mudança social.

Do conceito parecido de família do início do século passado, que a identificava exclusivamente pela existência do casamento, chegou-se às mais diversas estruturas relacionais, o que levou ao surgimento de novas expressões, como “entidade familiar”, “união estável”, “família monoparental”, “desbiologização”, “reprodução assistida”, “concepção homóloga e heteróloga”, “homoafetividade”, “filiação socioafetiva”, etc. Tais vocábulos buscam adequar a linguagem às mudanças nas conformações sociais, que decorreram da evolução da sociedade e da redefinição do conceito de moralidade, bem como dos avanços da engenharia genética. Essas alterações acabaram por redefinir a família, que passou a ter um espectro multifacetário.

Agora, o que identifica a família não é nem a celebração do casamento nem a diferença de sexo do par ou o envolvimento de caráter sexual. O elemento distintivo da família, que a coloca sob o manto da juridicidade, é a presença de um vínculo afetivo a unir as pessoas, gerando comprometimento mútuo, identidade de projetos de vida e propósitos comuns.

Enquanto que no século XIX o conceito unívoco de família era seguido de um padrão que a sociedade estabelecia diretamente, e as pessoas não poderiam ter pensamentos que fugissem desse padrão imposto. A igreja também era uma instituição que pregava que a família tinha que ser no molde tradicional centrada em valores conservadores e na ideia de que o marido teria que ser provedor e de uma esposa que se dedica à cuidar da casa e dos filhos, enquanto ele trabalharia e trazia o sustento da família.

3.1 Quais as semelhanças ou (des) semelhanças entre os modelos em questão

O alicerce da família emanava do matrimônio. No Brasil, assim como na sociedade portuguesa até o século XIX, o gênero também exercia influência nas relações jurídicas e a autoridade do chefe da família aparece como legítima na literatura e nos documentos da época, o que não significa que esses papéis, necessariamente, devessem existir dentro da rigidez com que estavam estabelecidos. Sabemos, no entanto, que apesar das variações nos modelos familiares, o dominante era o de famílias extensas baseadas nas relações patriarcais.

A família moderna, ao contrário, separa-se do mundo e opõe à sociedade o grupo solitário dos pais e filhos. Toda a energia do grupo é consumida na promoção das crianças, cada uma em particular, e sem nenhuma ambição coletiva: as crianças, mais do que a família.

Sabemos que a família é uma unidade de cooperação econômica, todos devem cooperar para seu mútuo sustento. E levando em consideração este conhecimento empírico, podemos perceber esta ruptura do paradigma do século XIX, pois atualmente o que percebemos é que esse padrão se rompeu e não é mais somente o homem que trabalha para manter o padrão de vida da família, no século XXI é muito comum que as mulheres tenham seu emprego e ajudem nas despesas da casa.

Em cada momento histórico, em cada contexto, a família vem sendo construída e possui mobilidade e, por estar sempre em movimento, tal como a sociedade, fica complicado tecer uma única concepção de família, pois ela depende do contexto no qual a família está inserida.

Quanto ao ritmo da mudança, salienta-se que as manifestações das alterações apontadas, além da variedade dos seus aspectos, referem-se à velocidade com que acontecem. O ritmo obriga a adaptações rápidas e contínuas, tornando-se irreversível e por vezes incalculável, advertindo os mais distraídos para a abertura à mudança. Tudo isto se deve à rapidez e à multiplicidade dos aspectos inseridos nessas manifestações, mas também à pressão que resulta da cumulatividade, em virtude da sua presença em tais modificações.

A mudança num determinado aspecto torna-se fator de desenvolvimento da difusão de novas ideias e concepções, que podem ser políticas e religiosas com

influência na sociedade e em particular nas pessoas, nos grupos e nas organizações, tornando-se ora positivos ora negativos para o conjunto global da sociedade.

Há de referir ainda que uma mudança nos aspectos sociais, culturais e tecnológicos influencia no intercâmbio que, ocorrendo de modo mais rápido, se torna também mais complexo entre as pessoas e os povos. Finalmente, a amplitude da mudança. Esta situa-se na complexidade de tais manifestações que apresentam uma visão de conjunto que nos mostra a mudança, como uma realidade extensa e onnipresente, que os cientistas classificam frequentemente, em relação à nossa época, de transição social e cultural.

Podemos verificar a diversidade dos ritmos de mudanças na família, uma vez que tais mudanças dependem da situação na qual a família se encontra e também do contexto em que está inserida. Outras questões que podem influenciar o ritmo das mudanças na família são relativas à cultura, à etnia, à região, à situação socioeconômica, dentre outras.

Percebemos que, nessa trajetória, a família modificou seu papel de unidade de reprodução com o aceleração do capitalismo, que veio separar a produção como esfera pública e família como esfera privada. A família tornou-se unidade de consumo na lógica do sistema capitalista. O que diz respeito à configuração familiar tradicional – com a presença da autoridade patriarcal e a divisão dos papéis familiares, acarretou mudanças significativas nas relações entre homem, mulher, pais, filhos.

Apesar de tantas mudanças, a família ainda pode ter seu início no casamento ou nas uniões estáveis. Esses tipos de uniões são parte do universo familiar que podem determinar o relacionamento intrafamiliar, assim como podem determinar quais os direitos que determinada família possui. E é de suma importância estudar tais uniões.

3.2 Influência da sociedade na família

A família tem merecido uma constante centralização na vida da sociedade. As várias propostas objetivas, assim como a dinâmica da própria família procura dar à sociedade instrumentos que são pertinentes para remover obstáculos, dificuldades institucionais que muitas vezes se opõem ao progresso, ao desenvolvimento e à realização plena e concreta da vida familiar.

Assim, a sociedade não pode fugir à sua responsabilidade. A família exige e estimula o dever e a obrigação que a sociedade tem para consigo. A família sofreu as mudanças da sociedade, procurando adaptar-se e estruturar-se em função das novas realidades, novos problemas. Mas, efetivamente, a sociedade procurou estruturar e adaptar as suas funções, respondendo às novas realidades tanto estruturais como funcionais da família.

O partir para o exame das mudanças que intervieram na família, assim como em qualquer aspecto da vida contemporânea, deveu-se, sobretudo, à constituição da sociedade industrial. É difícil dizer qual das instituições sociais tenha sentido de modo mais evidente esta influência, ou qual setor da vida tenha sido o mais profundamente transformado. É certo, porém, que a família, e também as condições de vida dos seus membros, foi radicalmente envolvida nesta transformação (CRUZ, 1996).

Passando ao caso concreto e que nos interessa aqui, a sociedade mudou a família e este fenómeno torna-se bem mais visível que toda a análise feita neste trabalho. À família pertence agora o papel de projetar esta mudança e criar um novo espaço para os seus membros; isto porque elementos estruturais da sociedade produziram e continuam a produzir as suas consequências, trazendo mudanças mais ou menos acentuadas na família.

Historicamente, a família é um produto da sociedade; portanto, está estreitamente ligada à sua mudança. Assim, como está se tem produzido através de um processo histórico, como fenómeno complexo, apresenta fases diferentes nos seus aspectos políticos, económicos, sociais e culturais. A família tem vindo, assim, a ser influenciada, mudando simultânea e contemporaneamente a sua estrutura e dinâmica interna e externa. Por outro lado, vemos que se encontra na sociedade uma pluralidade de tipos ou modelos gerais de família que a representam e a descrevem no seu conjunto, em épocas históricas diferentes.

Estes modelos vão evoluindo e sofrendo alterações que se explicam com um tipo próprio de sociedade pertencente a uma determinada época histórica. Mas, ao mesmo tempo, não faltam outras tendências e manifestações concretas que contribuem para tornar cada vez mais complexa a realidade da família (ALMEIDA *et al.*, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar a temática família, podemos perceber que a família vivencia uma ação deliberada, buscando emancipação, por meio da instituição dos novos padrões de comportamento, justamente pelo fato de ter ocorrido mudanças profundas na realidade exterior à família. É certo que tais mudanças afetaram e ainda continuam aceleradamente afetando a esfera da vida social familiar, transformando-a profundamente, em todos seus níveis. É preciso pensar em tais mudanças, refletindo, por um olhar crítico, capaz de compreender o significado das mudanças recentes, tanto nos padrões do convívio familiar e nas relações internas da família, quanto no universo familiar.

A família é um fenômeno social que produz inúmeros efeitos jurídicos, cria divergências sociais que impelem tanto o mundo jurídico, quanto o sociológico, caminhando sempre à frente das normas e convenções, e buscando seu próprio espaço, criando soluções para sua evolução. A entidade familiar além de se constituir em “célula mater” da sociedade, ainda, percorre o tempo trazendo evolução para esta, levando, assim, as regras jurídicas a se adequarem às necessidades humanas das mais diversas, em especial as de caráter afetivo.

Ao se tratar de família, é preciso ter em mente que a mesma é formada por seres humanos, com suas necessidades, angústias, busca incessante da felicidade, e conquista de regras jurídicas que a apoiem no atingimento de todas as variáveis que abrangem essa instituição e a sua afetividade. Assim, têm-se famílias estruturadas sob as mais diversas organizações, desde o patriarcalismo, o matrimonialismo, a monoparentalidade, a união estável e também a união homoafetiva.

A Constituição Federal de 1988, trouxe grandes transformações na regulamentação da entidade familiar, legitimando a união estável, oferecendo maior consolidação da família, sob suas variadas modalidades e principalmente ampliando o conceito de entidade familiar. A forma legal de se constituir uma família através do casamento válido, há tempos já não é mais a única forma de família aceita na sociedade e no ordenamento jurídico. Assim, considerando-se o conceito de família e sua amplitude, observa-se que ele aumentou as possibilidades de construção de família sob as mais diversas formas, perante a sociedade.

Este estudo veio para trazer à tona, não somente o histórico da família mas também a evidente e necessária proteção do Estado, que procura preservar a família, às uniões homoafetivas. Desta forma, como foi demonstrado, as uniões homoafetivas, nada mais são, do que entidades familiares, uma vez que seus pilares de sustentação são os mesmos de qualquer outra família, afeto, dignidade, solidariedade e igualdade. Além de preencherem os requisitos para serem consideradas uniões estáveis, também se apresentam salvaguardadas pela Constituição Federal, não sendo passíveis de exclusão ou discriminação para que não se concretizem incostitucionalidades e violações de princípios.

Importante ressaltar que encontrar soluções jurídicas para a família, contemplada pela visão social, é inseri-la no direito e no cumprimento das exigências legais para realizarem o seu maior objetivo: manifestar o seu afeto e ser feliz.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. N. *et al.* “Relações Familiares: mudança e diversidade”, in J. M. L. Viegas e A. Firmino da Costa, **Portugal – Que Modernidade**, Oeiras, Celta, 1998, p. 45-78.
- ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. v. II. Ed. Nova Aguilar. Rio de Janeiro, 1994.
- BELTRÃO, P. C. **Sociologia della famiglia contemporanea**, Roma, PUG. 1989.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura de dois gumes: A Educação Pela Noite**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CRUZ, M. B. da. “Transformações Sociais da Família,” in **Brotéria**, Vol. 143, nº1, 1996, p. 92-96.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob Regime da Economia Patriarcal**. RJ, José Olympio, 1978.
- SCHUCH, Patrice. **Família no Plural: Considerações Antropológicas sobre Família e Parentesco (À Luz de seus Confrontos de Significados num Órgão de Justiça Juvenil)**.
- SPENCER, Jonathan and BARNARD, Alan. “Ethnography”. In: **Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology**. Routledge, London, 2002. p. 193-198.